

A RELIGIÃO COMO FENÔMENO PROPULSOR DA ECOCULTURA *

Adriana Moreira **

RESUMO

Como fenômeno humano, a religião, abarca o ser humano na sua totalidade e solidifica a sua essência de *homo religiosus*, que se relaciona de alguma maneira com o sagrado através das expressões oferecidas pela religião que, por sua vez, é inerente à cultura. A religião como fenômeno sociocultural e instituição que tem por primazia o cuidado pela vida não pode permanecer aquém às necessidades prementes do ser humano e ao grito de clemência do universo em destruição. É indispensável para o amadurecimento da humanidade que busca respostas no interior do espaço, que a religião redescubra a sua força no que tange a formação de consciências, que se descubra como fenômeno propulsor de uma nova consciência que atente para a ética do cuidado, propiciando uma revolução “ecocultural”.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Cultura. Ecocultura.

ABSTRACT

As a human phenomenon, the religion includes the human being in his/her totality and consolidates his/her essence as a *homo religiosus*, who is somehow related to the sacred through the expressions offered by the religion, which is, on the other hand, inherent to the culture. The religion as a socio-cultural phenomenon and an institution which has for primacy the care for the life cannot remain below to the human being crying needs and to the clemency clamor of the universe in destruction. It is indispensable to the humanity maturation which searches for answers in the interior of the space, that the religion rediscovers the strength in terms of the formation of conscience, that it is discovered as a phenomenon propeller of a new awareness that pays attention to the ethics of care, providing an "ecocultural" revolution.

KEYWORD: Religion. Culture. Ecoculture.

* O presente artigo é parte do trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2008, com o título “Os rituais sacrificais: contribuição dinâmica e soteriológica da história do Antigo Israel”.

** Religiosa, graduada em Teologia pela FAMIPAR – Cascavel, PR; Especialização em Ensino Religioso e mestranda em Teologia pela EST – São Leopoldo, RS. adrimoreirajm@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A religião é algo profundamente humano e implícito na natureza do ser humano. Portanto, enraizada nas culturas e nos povos, conduz o indivíduo a relacionar-se com o sagrado, é decodificada, fertilizada e fecundada por inúmeros elementos que a constituem.

Na história da humanidade constata-se que o ser humano tem procurado estabelecer relações com o sagrado. Em todas as civilizações percebe-se certa sensibilidade religiosa que gradualmente é aguçada, daí emerge a religião como um fenômeno não apenas teológico, mas antropológico e sociocultural. Assim sendo, é difícil pensar a história da humanidade sem religião.

Diante dos mais diversos fenômenos culturais, seja da atualidade como do passado, percebe-se como o fenômeno religioso marca sua presença, de modo universal e constante, não somente neste campo específico, mas também em outros. Dos fenômenos humanos, o religioso é o mais fecundo, mais imponente e é o que mais contribui para plasmar as culturas e fecundar as grandes civilizações.

O ser humano se depara sempre com o fenômeno religioso, por mais que recuemos no tempo, apesar da diversidade das culturas e civilizações, esse fenômeno se encontra constantemente presente. O ser religioso está arraigado na história.

Sendo a religião um fenômeno sociocultural não pode deixar de olhar para as necessidades prementes da realidade histórica que suscitam a urgência de uma consciência planetária. Entre os problemas de tal alcance, está, a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica. Esta última é a que queremos aqui destacar num possível diálogo e compromisso da religião como fenômeno humano e, por tal razão, propulsor de uma cultura ecológica que aqui chamar-se-à “ecocultura”.

RELIGIÃO COMO FENÔMENO HUMANO

Desde a antiguidade, o ser humano se extasiava diante das manifestações da natureza e das manifestações de sua própria alma ou mente. A partir da busca pela compreensão de tais manifestações, o ser humano, foi estruturando a sua religião e, conseqüentemente, encontrando um caminho significativo para a sua

existência. Os seres humanos criaram histórias explicativas acerca de sua origem e da origem das coisas, tais histórias repletas de deuses e semi-deuses eram contadas através de celebrações e ritos especiais³.

Esta idéia aparece também na obra de Plein, a qual cita que cultos domésticos da Idade do Ferro I (ca. 1250-1000 a.C.) foram localizados pela arqueologia em vários lugares. Tudo indica que em casas maiores um cômodo podia ser usado como espaço de culto, uma capela doméstica, por assim dizer, em que podiam se realizar também cerimônias de sacrifícios de animais⁴.

Assim, ao longo dos tempos, a religião levou o ser humano a redimensionar sua relação consigo mesmo e com todo o universo que o rodeia. Religião é, portanto, a forma concreta, visível e social de relacionamento pessoal e comunitário do ser humano com o Sagrado.

Na idade paleolítica⁵ o *homo religiosus* está em pé, com os braços levantados. Os antropólogos e etnólogos estão de acordo em reconhecer a universalidade do fenômeno religioso. A mesma opinião é partilhada pelos historiadores, teólogos e filósofos. O ser humano desenvolveu uma intensa atividade religiosa desde seu aparecimento no palco da história, as tribos e todas as populações cultivaram alguma forma de religião. E, esta mesma opinião é partilhada por historiadores filósofos e teólogos. E, tal contestação, acrescenta Simões, levou o antropólogo Malinowski a afirmar que “não há povo, por mais primitivo que seja, em que não se veja a religião”.⁶ E, Piazza acrescenta que, não obstante esta universalidade, a religião apresenta características próprias independentes da cultura dos povos, da sua forma social, da sua estrutura econômica e mesmo da índole psicológica⁷.

³ Cf. RELIGIÃO. In: SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 2189.

⁴ Cf. PLEIN, Ina Willi. *Sacrifício e culto: no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 13.

⁵ O período mais antigo dos tempos pré-históricos, situado em sua maior parte na época das glaciações (período geológico durante o qual uma região foi recoberta por geleiras), caracterizado pela invenção e pelo desenvolvimento da indústria lítica, bem como por uma economia de predação.

⁶ MALINOWSKI, Bronislaw *apud* SIMÕES, Jorge. *Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso*. São Paulo: Loyola. 1994, p. 11.

⁷ Cf. PIAZZA, Waldomiro Otávio. *Introdução à fenomenologia religiosa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 24.

O fenômeno religioso é universal, marcante e significativo ao longo da história humana. Por assim ser, a religião está radicada na natureza humana, ou seja, é um fenômeno eminentemente humano.

Mondin cita alguns exemplos, ei-los, Aristóteles: “Todos os homens estão convencidos de que os deuses existem”.⁸ Clemente de Alexandria: “Não há nenhum tipo de agricultor, de nômade ou de cidadão que possa viver desprovido de fé num ser superior”.⁹ Bérqson, que faz a seguinte observação: “Houve no passado e há ainda hoje sociedades humanas que não têm nem ciência, nem arte, nem filosofia. Mas não existe nenhuma sociedade sem religião”.¹⁰ Van der Leeuw diz: “Não há povo sem religião. No início da história não encontramos nenhum indício de ateísmo”.¹¹ Recentemente Bobbio escreveu afirmando que o ser humano continua sendo um ser religioso, apesar de todos os processos de demitização, de secularização, e de todas as afirmações da morte de Deus, características da idade moderna e, sobretudo, da idade contemporânea¹².

Daí percebe-se que, na história humana, em todos os povos, em todos os séculos e em qualquer estágio da sociedade, a religião foi a força central unificadora da cultura. Ela foi a guardiã da Tradição e a preservadora da lei moral. Não são compreensíveis as estruturas íntimas de uma sociedade sem conhecer bem a sua religião. Não se pode entender as suas conquistas culturais se não se compreende as crenças religiosas que estão por trás delas. É possível considerar o pensamento de Scheler ao dizer que:

é razoável afirmar que todo ser humano é, além de *sapiens, volens, loquens, ludens, faber*, é também *religiosus*. Nem mesmo o fato de, hoje, a religião, em muitos ambientes e para numerosas pessoas, estar atravessando um período de crise profunda pode constituir argumento plausível contra a importância da dimensão religiosa e a relevância histórica e cultural do fenômeno religioso¹³.

Considera-se o ser humano *ludens, faber, loquens, sapiens*, muito embora nem todos joguem, trabalhem, falem, pensem. O mesmo vale para a dimensão religiosa: ela se impõe como uma constante do ser humano, mesmo que não seja

⁸ ARISTÓTELES, *De Coelo et mundo* I, 3, 270b, 5-6 *apud* MONDIN, Battista. *Quem é Deus?* elementos da teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997, p. 49.

⁹ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromati* V, 14, n. 133 *apud* MONDIN, 1997, p. 49.

¹⁰ BERGSON, Henri *apud* MONDIN, 1997, p. 49.

¹¹ Cf. LEEUW, Gerardus van der *apud* MONDIN, 1997, p. 49.

¹² Cf. BOBBIO, Norbert *apud* MONDIN, 1997, p. 49.

¹³ Cf. SCHELER, Max *apud* MONDIN, 1997, p. 51.

cultivada por todos os membros da espécie. Tal como a Ciência, a Arte e a Filosofia, a Religião é parte integrante e inseparável da cultura humana. O “*homo-religiosus* é o ser humano que interiormente participa do Sagrado e da sua força”¹⁴.

CULTURA COMO UM FENÔMENO HUMANO

Todo ser humano, ao vir ao mundo, encontra-se no interior de uma complicada trama de formas, costumes, sons de linguagem, sistemas relacionais e instituições. É a esta primeira herança que se tem dado o nome de cultura¹⁵.

Ao se tratar de cultura precisemos que o ser humano é um ser inacabado, um ser em processo de construção, que precisa organizar o mundo, superar o caos, necessita construir um mundo para si e que tenha um sentido humano, e, nesse processo, diz Mo Sung, construir a si mesmo. Este mundo humano construído pelos próprios seres humanos é a cultura, neste caso, entendida como a totalidade dos produtos da atividade do ser humano, sejam materiais ou espirituais¹⁶.

Tais produtos, são como instrumentos para produzir a sua sobrevivência na relação com a natureza, linguagem para comunicar e guardar a memória coletiva, leis e normas para regular a convivência e religião para dar sentido ao mundo, à existência e à morte.

Na esteira de Jung Mo Sung, cultura é como uma segunda natureza que possibilita aos seres humanos suprimirem a ausência da estrutura de instintos biologicamente determinados. É a interiorização da cultura da sociedade ou do grupo social a que o ser humano pertence que o possibilita agir de uma forma quase instintiva e automática¹⁷.

Todas as pessoas de todos os lugares e de todos os tempos passaram e passam por um processo de interiorização da cultura e, portanto também dos valores e normas morais da sociedade a que pertencem. A cultura é uma criação social, é uma segunda natureza que o ser humano veste sobre a natureza biológica (a primeira). Isto é, resultado das soluções e respostas criativas dadas pelos

¹⁴ Cf. SCHELER, Max apud MONDIN, 1997, p. 51.

¹⁵ Cf. MORAIS, Regis. *Estudos da filosofia da cultura*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 19.

¹⁶ Cf. MO SUNG, Jung; SILVA, José Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 25-26.

¹⁷ Cf. MO SUNG; SILVA, 1997, p. 27.

indivíduos e pelo grupo social frente aos desafios que a vida coloca.¹⁸ A cultura condiciona a visão de mundo das pessoas.

Pode-se dizer que cultura é um conjunto de padrões e comportamento, idéias e conhecimentos peculiares a um dado grupo social. Mondin nos ajuda a compreender cultura e remete ao que já fora afirmado, quando a cita como o “conjunto de atividades e de produtos que unifica um grupo social (um povo) e o distingue dos demais. Seus principais componentes são a língua, as técnicas, as leis, as instituições e os valores”¹⁹.

E, na história da humanidade, não há registro em qualquer estudo por parte da História, Antropologia, Sociologia ou qualquer outra ciência social, de um agrupamento humano em qualquer época que não tenha professado algum tipo de crença religiosa. As religiões são, então, um fenômeno inerente à cultura humana, assim como as artes e técnicas. “Estando o ser humano, definido como ser religioso, uma sociedade sem religião é inconcebível”²⁰.

A evolução do pensamento católico é marcado por um pronunciamento de João Paulo II, para o Jornal *Le Matin*, em 1980. Afirma ele que:

o ser humano vive uma vida verdadeiramente humana graças à cultura. Esta é uma forma específica do existir e do ser de cada pessoa que, vive sempre de acordo com uma cultura que lhe é peculiar e que, por sua vez, cria entre os seres humanos um laço que também lhes é peculiar, determinando o caráter inter-humano e social da existência humana. Na unidade da cultura como forma peculiar da existência humana, arraiga-se simultaneamente a multiplicidade das culturas em cujo âmago o ser humano vive. É pela cultura que a pessoa tem maior acesso ao ser²¹.

Grande parte de todos os movimentos humanos significativos tiveram a religião como impulsor, diversas guerras, geralmente as mais terríveis, tiveram legitimação religiosa, estruturas sociais foram definidas com base em religiões e grande parte do conhecimento científico, filosófico e artístico tiveram como vetores os grupos religiosos, que durante a maior parte da história da humanidade estiveram vinculados ao poder político e social.

¹⁸ Cf. MO SUNG; SILVA, 1997, p. 27-28.

¹⁹ MONDIN, 1997, p. 67.

²⁰ RELIGIÃO. In: WALDENFELS, Hans. *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 466.

²¹ Cf. Jornal *Le Matin* de 3 de junho de 1980 *apud* MORAIS, 1997, p. 47.

RELIGIÃO E CULTURA

Ao considerar a religião como um conjunto de atividade com que não apenas o indivíduo, mas também o grupo social exprime e realiza o seu relacionamento de submissão à divindade, logo, entende-se que, religião não é um fato estranho ou colateral à cultura, e sim, uma parte muito importante. A religião em relação à cultura e à sociedade, desempenha as mesmas funções que para com o indivíduo. Antes de tudo a função de submissão à divindade. A pessoa, como ser eminentemente social e político expressa sua submissão ao Transcendente, não só no íntimo da própria consciência, mas também, socialmente. De resto, o ser humano adquire consciência dos próprios deveres (para com o Sagrado, o próximo e consigo mesmo) à medida que se deixa iluminar e guiar por aquele que entende como o Absoluto.

É difícil dizer onde termina a cultura e começa a religião ou vice-versa, existe entre ambas uma intercomunicação. O pensamento de Wilges é que “todos os seres humanos possuem uma cultura. E, esta recebe influência da religião. O ser humano procura compreender e explicar sua vida através de um conjunto de crenças que envolvem também condutas sociais. Assim, se religião produz cultura e influência, ela também sofre impacto dessa mesma cultura, que ajuda e limita na transmissão de sua mensagem libertadora”²².

Mondin diz ainda que, “A religião funciona como princípio de unificação, e de apoio de todo o edifício cultural, sobretudo assegurando um sólido fundamento aos valores absolutos e às leis morais”²³.

Os valores absolutos indispensáveis à cultura para que possa ser instrumento de unificação do corpo social e de formação dos indivíduos, para que tenham uma válida sustentação é preciso (como bem perceberam Platão, Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Leibniz) que eles sejam dotados de um fundamento transcendente, sobrenatural, religioso, o qual só pode ser o próprio Transcendente. Esta é a lógica que induziu todas as culturas do passado, primitivas e civilizadas, a atribuir um alicerce religioso aos valores absolutos. Sem religião, os valores absolutos de uma cultura estão sem fundamento²⁴.

²² Cf. WILGES, Irineu Silvio. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 11-12.

²³ MONDIN, 1997, p. 67.

²⁴ Cf. MONDIN, 1997, p. 67.

Mondin conclui que, cultura e religião estão intimamente ligadas entre si, como o corpo está ligado à alma. Seria assim, a religião a alma da cultura ou segundo Tillich “a religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião”.²⁵ Acrescentemos ainda a expressão do antropólogo Meslin, “os laços que regem as relações entre religião e cultura são tão complexos quanto inevitáveis, ora marcadas por uma violenta oposição, ora por um desejo real de aproximação”²⁶.

Levando-se em conta as funções que a religião desempenha na sociedade poderíamos dizer que esta goza de um primado em relação às outras atividades culturais (ciência, economia, tecnologia e política), tal primado é confirmado pela história da humanidade. Ela foi fonte de inspiração na criação das obras literárias, artísticas, na elaboração dos códigos morais, na formação das instituições sociais, políticas e culturais.

É certo que o advento de outras ciências e/ou instituições tornaram supérflua a religião (assim creram Spinoza, Hegel, Comte, Nietzsche), porém a secularização contribuiu para esclarecer a natureza do sagrado e o papel da religião, mas não decretou seu fim. Nenhum progresso científico e tecnológico é capaz de preencher esse espaço utópico (para usar a expressão de Ernest Bloch), este vazio, que está inscrito no código genético do ser humano.

Guardini²⁷ mostra que a contribuição cultural da idade moderna tem um custo nos seus resultados, pois sendo essencial o elemento religioso no todo da existência, a sua eliminação implica perdas de natureza essencial: as raízes do agir se afrouxam; perde solidez o terreno no qual elas se assentam, interioridade e profundidade desaparecem. A precisão do empenho científico e a liberação das energias conquistadoras e plasmadoras são pagas com uma espécie de rarefação na ação e na vida, nas quais insinuam-se cada vez mais evidentes sensações de insatisfação, de vazio, de absurdo. Cresce a medida da realidade humana conquistada, multiplica-se a eficiência do trabalho, mas igualmente cresce a dúvida se tudo isso vale a pena e se, afinal, não é negativo o balanço entre o mundo e o seu significado.

²⁵ TILLICH, Paul *apud* MONDIN, 1997, p. 68.

²⁶ MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 52.

²⁷ Cf. GUARDINI, Romano *apud* MONDIN, 1997, p. 69.

No que se refere à liberdade, o ser humano é subjugado pela própria obra. Ele destruiu os vínculos religiosos para chegar ao pleno autodomínio do próprio agir e à soberania sobre o mundo, mas eis que a obra resultante tornou-se autônoma e colocou o ser humano ao seu serviço. E daí, emerge a convicção de que aquele elemento da existência de que o ser humano moderno se desvencilhou, por amor à própria liberdade e à sua obra pessoal é, na realidade, o pressuposto necessário para que ele possa ser livre e senhor de si, podendo realizar uma obra capaz de dá-lhe a consciência de um autêntico significado. O sentido da História futura, diz Guardini, dependerá do reconhecimento ou não do elemento religioso como um verdadeiro pressuposto da liberdade do ser humano e da possível unidade da sua obra.

ECOLOGIA

Segundo o teólogo e filósofo L. Boff, sofremos a vigência de três problemas globais que suscitam a urgência de soluções globais, isto é, planetárias: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica.

No que tange à crise social, a problemática é notória, a mudança da natureza da operação tecnológica, são transformações ocorridas mediante o avanço da robotização e da informatização, que propiciou uma produção fantástica de riqueza. Chega de forma aberrante e desigual pelas transnacionais e, daí resulta uma humanidade fragmentada — de um lado, opulentos e, de outro, excluídos — que com ganância constrói um princípio de autodestruição. É uma distribuição injusta e mal distribuída²⁸.

A crise do sistema de trabalho, que é a segunda urgência acenada, diz respeito às novas formas de produção automatizadas que dispensam o trabalho humano; em seu lugar, entra a máquina inteligente. Com isso, destroem-se postos de trabalho e tornam-se os trabalhadores descartáveis, criando um imenso exército de excluídos em todas as sociedades mundiais. O pano de fundo de tais problemas está na relação de domínio que os seres humanos estabelecem com a terra e seus

²⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os Humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000, p. 13.

recursos e com os demais seres humanos. É a falta de cuidado e respeito que toda alteridade exige²⁹.

A terceira urgência e a que mais se refere ao tema em questão é a crise ecológica. Esta é considerada pela construção do princípio da autodestruição que a humanidade vêm elaborando nas últimas décadas:

a atividade humana irresponsável em face da máquina de morte que criou pode produzir danos irreparáveis à biosfera e destruir as condições de vida dos seres humanos. Numa palavra, vivemos sob uma grave ameaça de desequilíbrio ecológico que poderá afetar a Terra como sistema integrador de sistemas. Ela é como um coração. Atingido gravemente, todos os demais organismos vitais serão lesados: os climas, as águas potáveis, a química dos solos, os microorganismos, as sociedades humanas. A sustentabilidade do planeta, urdida em bilhões de anos de trabalho cósmico, poderá desfazer-se. A Terra buscará novo equilíbrio que, seguramente, acarretará uma devastação fantástica de vidas. Tal princípio de autodestruição convoca urgentemente outro: o princípio de co-responsabilidade por nossa existência como espécie e como planeta³⁰.

A causa da crise social está estreitamente ligada à formação como as sociedades modernas se organizam no acesso, na produção e na distribuição dos bens da natureza e da cultura. A razão do alarme ecológico reside no tipo de relação que os humanos, nos últimos séculos, entretiveram com a Terra e seus recursos: uma relação de domínio, de não reconhecimento de sua alteridade e de falta de cuidado necessário e do respeito imprescindível que toda alteridade exige.

Se quiser conservar o patrimônio natural e cultural acumulados, a humanidade precisa mudar seu comportamento. Afirma L. Boff:

se não mudarmos de paradigma civilizatório, se não reinventarmos relações mais benevolentes e sinérgicas com a natureza e de maior colaboração entre os vários povos, culturas e religiões, dificilmente conservaremos a sustentabilidade necessária para realizar o projeto humano, aberto para o futuro e para o infinito³¹.

É necessária uma mudança global, uma nova instalação ecológica na consciência ética da humanidade. Só assim o universo será olhado pela humanidade como alteridade.

²⁹ Cf. BOFF, 2000, p. 14-15.

³⁰ Cf. BOFF, 2000, p. 16.

³¹ BOFF, 2000, p. 19.

RELIGIÃO COMO FENÔMENO PROPULSOR DA “ECOCULTURA”

O dever da religião, enquanto centro aglutinador é fomentar a sensibilidade humanitária e inteligência emocional e suas expressões pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade generacional e pela compaixão, atitudes essas capazes de comover as pessoas e movê-las para uma nova consciência ética. Eis uma postura urgente para toda instituição que prima zelar pela vida.

É preciso redescobrir valores e princípios que orientarem as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendente da existência: o Totalmente Outro. Essa nova postura e/ou consciência “ética que nasce de uma nova ótica e toda nova ótica irrompe a partir de um mergulho profundo na experiência do Ser, de uma nova percepção do todo ligado, re-ligado em suas partes e conectado com a Fonte originária donde promanam todos os entes”³².

Uma vez que a busca pelo transcendente se dá pelo fato que todo ser humano é caracteristicamente “*homo religiosus*”. E, a religião é um instrumento que estabelece a relação com o Transcendente. Toda a experiência religiosa do ser humano mostra a sua importância na construção da consciência do grupo enquanto sociedade, justamente pelo fato de ser, a religião, inerente à cultura é também partícipe da re-construção da nova consciência ética.

Da exigência do surgimento de uma nova consciência ética que conduz o ser humano a um processo de amadurecimento nas suas relações com as alteridades e tem a possibilidade de transformar e reelaborar a sua visão de mundo, a religião pode calar como um fenômeno propulsor da “ecocultura”.

A “ecocultura” entendida como aquela ou toda realidade cultural que se permite olhar para o universo e para tudo o que é considerado de todos como espaço a ser zelado, cuidado amorosamente, para que se instaure entre as pessoas e entre as realidades humanas uma “ecocultura” onde nenhum ser se sinta ameaçado na sua genuína individualidade.

A “ecocultura” é a extensão cultural da palavra eco que na sua etimologia *oikos*, do grego, significa ‘casa’ ou ‘lugar onde se vive’. E a casa é o espaço

³² BOFF, 2000, p. 20-21.

primordial onde se deveria introduzir a consciência ética do saber cuidar para que outros, sendo cuidados, por sua vez, aprendam a cuidar, num gradual e constante processo de respeito à alteridade.

Essa nova consciência ética aponta para uma possível revolução “ecocultural” onde todos serão educados numa postura que estabeleça com a natureza uma relação de alteridade e não de domínio onde alguns são beneficiados por meio da injustiça social e ecológica em detrimento de outros.

A “ecocultura” deve ser uma realidade que vise aprender e ensinar a cuidar da Terra para que seja um lugar *oikos* que permite a todos os seres continuar a existir e a viver.

CONSIDERACOES FINAIS

Ao considerar que o mérito da reflexão teológica consiste não no fato de apresentar questões fechadas, mas abertas a novas contribuições posteriores ou contemporâneas, brindamos o desfecho do presente artigo com a sinopse da obra do já citado Leonardo Boff:

Como construir uma plataforma comum sobre a qual todos possamos nos assentar e nos entender? Para viver como humanos, os homens e as mulheres precisam criar certos consensos, coordenar certas ações, coibir certas práticas e elaborar expectativas e projetos coletivos. Sempre houve tal fato desde os primórdios da construção das comunidades humanas. Surge, então, a questão da validade de uma referência ética e moral comum que possa congrega a todos. Qual a base para essa referência comum? Hoje as relações são extremamente complexas. Postula-se uma referência para a totalidade dos seres humanos, habitantes do mesmo planeta, que agora se descobrem como espécie, interdependentes, vivendo numa mesma casa e com um destino comum. Se não criarem um acordo quanto a exigências éticas e morais mínimas, como poderão coexistir pacificamente, preservar o lar comum e garantir um futuro para todos? (...) Precisamos de um consenso mínimo sustentado pela razão cordial, pelo cuidado essencial, pela reverência em face de cada realidade, da Terra e do cosmos. Essa atitude significa o *ethos* básico que poderá dar origem a muitas expressões morais, consoante a diversidade das culturas, das tradições e dos tempos. Mas todas elas devem expressar o mesmo *ethos* e a mesma boa vontade fundamental de servir à vida, defendê-la, expandi-la e permitir que ela continue a fazer sua trajetória no universo rumo à Fonte originária de toda vida³³.

³³BOFF, Leonardo. Ethos Mundial. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/livro/49012-ethos-mundial>. Acesso em: 19 abr. 2012.

Haja vista que a função da religião consiste no movimento de devolver o ser humano a si mesmo, de trazê-lo de volta para casa. Aquela casa entendida como o ser em relação com o outro e que na relacionalidade (re)encontra, (re)descobre o seu próprio eu, se torna mais gente, mais humano. E, para tornar-se humano, urge a necessidade, para o próprio ser humano, de ter um referencial, um protótipo de ser humano, de humanização que o impulse a (re)encontrar-se e (re)descobrir-se como ser em relação.

E, embora seja o ser humano, o coroamento de toda a obra criada, a ele não foi conferido o direito de abusar da terra e seus recursos, mas de cuidar, zelar. Aí se dá o processo humanizante e humanizador.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os Humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000, p. 13.

_____. *Ethos Mundial*. Disponível em <http://www.skoob.com.br/livro/49012-ethos-mundial>. Acesso em: 19/04/2012.

MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes. 1992. 360p.

MO SUNG, Jung; SILVA, José Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1997. 117p.

MONDIN, Battista. *Quem é Deus? Elementos da teologia filosófica*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus. 1997. 447p.

MORAIS, Regis. *Estudos da filosofia da cultura*. São Paulo: Loyola. 1997. 109p. (Filosofia).

PIAZZA, Waldomiro Otavio. *Religiões da humanidade*. São Paulo: Loyola. 1977. 367p.

PLEIN, Ina Willi. *Sacrifício e culto: no Israel do Antigo Testamento*. Trad. Antonius Fredericus STEIN. São Paulo: Loyola. 2001. 151 p.

RELIGIÃO. In: SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. v. 2. Petrópolis: Vozes. 1995. p. 2189.

RELIGIÃO. In: WALDENFELS, Hans. *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 466.

SIMÕES, Jorge J. *Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso*. São Paulo: Loyola. 1994. 138 p.

WILGES, Irineu Silvio. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7-25.